

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Humanidades – PRAI

Departamento de História e Geografia

Disciplina: Prática do Ensino da História

Professor: Alarcon Agra do Ó

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Aluno: Állyson de Farias Campina

Período: 2000.2

Relatório

**“Não serei um Sísifo:
um relato sobre a Prática de Ensino”**

**Campina Grande, Pb
Abril/2001**

“O filósofo do amanhã é, ao mesmo tempo, o explorador dos velhos mundos, cumes e cavernas, e não cria senão pela força da lembrança de algo que foi essencialmente esquecido. Esse algo, segundo Nietzsche, é a unidade do pensamento e da vida”

Gilles Deleuze

Dedicatória

Ao Pai maior, Deus, que sempre me ilumina e me faz acreditar que *eu sonho, eu posso e eu consigo*.

Ao meu Pai, Antônio Francisco Campina, meu maior amigo... agradeço a você pai uma conquista como esta; à você que está sempre ao meu lado; às vezes calado, às vezes brincando, mas sempre passando uma confiança danada. Valeu, meu velho saiba que mais que seu filho eu sou seu fã.

A minha Mãe, Teresa Neuma Campina minha velha amiga de conversa sobre o Magistério... eterna conciladora. Mãe obrigado pelas orientações tanto na vida quanto na profissão. Você como ninguém sabe do valor da Educação para a formação de homens em uma sociedade.

A Paula e Renata, minhas irmãs, vocês fazem parte dessa vitória.

A Virgínia, minha namorada, que no filme da minha vida atua como atriz principal.

Aos meus avós, tios, primos, amigos e professores...

Agradecimentos

Como é bom agradecer as pessoas que nos ajudam na concretização das nossas conquistas. Na vida fora e dentro da Universidade alguns alguens nos ajudam tanto em determinadas tarefas que é impossível deixar de agradecê-los em momentos como esse.

As vezes esquecemos de lembrar de pessoas, mas isso não quer dizer que estes são menos importantes na nossas trajetória. Me perdoe aqueles que esqueci agora, mas lembrem-se sempre que valeu !!!

Quero agradecer primeiramente aos meus pais. Estes que me deixaram tão só no primeiro dia de aula: pensei que não iam mais me buscar... depois tomei consciência que vocês precisavam mesmo me deixar...

Minhas irmãs também agradeço por tudo...

Também agradeço a minha namorada pela compreensão pelos dias que por acaso eu não pude estar com ela por causa *de coisas da Universidade*.

Agradeço também a todos aqueles seres chamados de professores. A todos os meus professores o meu muito obrigado. Vocês que tanto nos ajudam desde fazer o ABC até entender tanto períodos históricos complicados como conceitos como por exemplo "*epistemologia social da escolarização*"... A todos os professores do Curso de História muito obrigado: Camilo, Durval, Nilda, Sandra, Cabral, Fábio, Eduardo, Socorro Rangel, Alarcon, Benjamim, Rosilene, Luciano, Celso...

Os amigos também fazem parte das nossas conquistas. Agradeço aos amigos de infância e os da Universidade.

Aos ex-componentes do Grupo de Estudos Memória Patrimônio e Cidadania: Alexandrino, Júnior, Carla, Fabiana, Elizeuda, Sérgio, Eltern, Josmara e Sílvia.

A algumas figuras como Benjamim (Orientador), Cícero Agra, Jailson, Glayds, Aida, Genilda (xérox), João (Sedhir), Rosa (Coordenação de História), Arnaldo (Prefeito de Cabaceiras), Júnior Flôr (Cacildiva), João Batista (CELP), amigos do EJC...

A Diretora da Escola de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, bem como a professora Ana Teresa.

**RELATÓRIO DE FINAL DE CURSO:
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

Állyson de Farias Campina
Concluinte

José Benjamim Montenegro
Professor-orientador

Campina Grande, Pb

Abril / 2001

Sumário

1 – Introdução.....	08
2 - A caminho da Prática: as primeiras observações	10
3 - A Prática na Escola: do planejamento à execução das atividades.....	15
3.1. Sobre o ato de planejar as atividades.....	15
3.2. Execução das atividades: a aula expositiva	18
4 - Considerações finais.....	20
5 - Referências Bibliográficas	21
6 – Anexos.....	22

Introdução

Este relatório é resultado do trabalho realizado como atividade de conclusão do curso de Licenciatura plena em História particularmente na Disciplina de Prática de Ensino da História ministrada pelo Professor Alarcon Agra do Ó, do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal da Paraíba – Campus II, no semestre 2000.2, sob orientação do professor José Benjamim Montenegro.

Tal relatório é também fruto dos nossos esforços – tanto meu como de professores e amigos – enquanto sujeitos inseridos dentro de uma sociedade na qual queríamos tanto que valorizassem a construção de um saber e a necessidade do conhecimento em alguma área. No meu caso escolhi a História, esse campo de saber que nos permite entrar em contato com experiências humanas várias que nos causam estranhamentos, tensões, desconfiança mas sobretudo nos causa uma vontade de saber mais, de conhecer mais e de tentar descobrir alguma coisa que fez parte de um passado tão longínquo e que às vezes –ou na maioria das vezes - não é nosso.

As experiências que vivenciamos ao longo de 5 (cinco) anos de Universidade marcaram nossas vidas tanto como estudantes como de cidadãos. Nela começamos a entrar em contato com a História. Confesso que logo de cara me decepcionei, logo eu que queria ser um gran le contador de histórias... Me vi à frente de um saber tão cheio de recortes, períodos, escolhas pessoais, metodológicas, teóricas ... mas depois me acostumei com essa ciência/arte/narrativa que tanto contribuiu para o meu desenvolvimento acima de tudo como pessoa.

A intenção deste relatório é descrever as atividades da Prática de Ensino da História desenvolvidas no Colégio de Ensino Fundamental e Médio

Severino Cabral. Coloquei tal título pois penso que a figura do professor na nossa sociedade parece muito com a figura mitológica de Sísifo - este condenado a carregar uma enorme pedra pesada morro acima por toda a sua vida. Professor só aparece como sinônimo de sofrimento, angústia, desespero. Confesso que não quis fazer da minha Prática de Ensino esse lugar onde eu pudesse só me lamentar da profissão que escolhi para a minha vida.

Em minha Prática de Ensino vivenciei o que é ser professor, mas isso não me fez só pensar que eu fui condenado a sofrer, mas me fez perceber em que realidade irei trabalhar e agir.

A primeira parte do texto fala-nos de um primeiro contato com a Escola Severino Cabral. Nela contemplamos algumas observações acerca daquela Escola que a primeira vista causou um grande estranhamento. A Segunda parte nos revela como fizemos o nosso trabalho de Prática do Ensino. Dividimos esta parte em dois sub-tópicos: um sobre o planejamento das atividades e o outro sobre a execução de tais atividades.

Capítulo 1 – A caminho da Prática: primeiras observações.

No decorrer da licenciatura em História vivenciamos diversas práticas educacionais como por exemplo seminários, oficinas, discussões em vários níveis. Mas a prática em sala de aula no que concerne ao ensino fundamental e médio no decorrer da nossa formação não foi viável. Fizemos um curso que durou no mínimo 8 (oito) semestres e que nos propiciou certas visões de mundo, de História, de vida, de relações entre pessoas, alguns perfis nos modo de ser e que ajudou também a pensar em nós mesmos enquanto profissionais da Educação.

Em tal período de 8 (oito) semestres o nosso Curso nos propiciou muitas teorias em vários níveis e Disciplinas. Seria mais interessante, portanto, que no decorrer do Curso de Licenciatura a questão da Prática em sala de aula fosse mais explorada, ou seja, a questão de como estas disciplinas podem ser exploradas, por exemplo, no ensino fundamental e médio. As Disciplinas do Curso de História deviam, portanto, se preocupar como tais assuntos poderiam ser tratados em séries colegiais.

Com o passar do tempo vamos amadurecendo enquanto alunos de um curso de graduação e mesmo como profissionais e nos deparamos com uma fase importantíssima da nossa formação: a Prática de Ensino. É a partir de uma vivência passageira em uma das escolas de Campina Grande que vamos ter contato com a sala de aula - esse lugar que escolhemos para agir enquanto sujeitos – com pessoas, com práticas, discursos etc. Mas para começar a ministrar aulas foi preciso o quê ?

Para começar as aulas de História na Escola de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral foi preciso fazer uma observação prévia do ambiente escolar, pois precisávamos entender como aquela instituição funcionava para

depois participar dela de um modo tal onde a nossa atuação não causasse nenhuma inquietação. Segundo SILVA (1995:10) a “*observação é um pré-requisito para a participação, a interação, o atuar*” e é nesse sentido que nós trabalhamos nesse primeiro momento do estágio.

A observação também foi pensada como um momento singular em nossa vida acadêmica e profissional pois a realidade escolar a partir daquele momento estaria sendo sentida¹. Além disso começamos a pensar em outras questões tais como “*a observação deve ser feita de que maneira ?*”, “*o que devemos contemplar nesse momento?*” ou ainda “*quais as escolhas que devemos fazer num momento como esse ?*”. Logo em seguida veio a nossa mente duas idéias de extrema importância. Primeiramente que a observação feita por nós não deveria idealizar o nosso objeto de estudo – no caso a Escola – e nem tampouco os seus pertencentes – os alunos, pois os dois têm uma existência própria; decorrem de algo. Outra idéia é que não deveríamos negar uma existência tanto da Escola quanto dos sujeitos ali inseridos com seus modos de ser, de viver, de amar, de sentir o mundo e de se relacionar com os outros e consigo mesmo. Nesse sentido penso que tivemos uma visão bem antropológica e não fomos para aquele local imbuídos de uma dificuldade de pensar *o diferente, o outro*. A observação, nesse sentido, serviu como uma forma de pensar as relações escolares não como uma ameaça a ser destruída por nós causar alguma inquietação, mas como algo que teve um nascimento e que pode ter uma transformação – ou será mais uma utopia de aprendiz de professor ?

Mas então o que nós observamos nesse primeiro contato com o Mundo Escolar ?

¹ Entendemos por realidade escolar as suas particularidades, os seus desencantos e os seus prazeres.

Sabemos que a maioria das pessoas que observam realidades escolares contemplam alguns aspectos que são unânimes na maioria dos discursos e aparecem da seguintes formas: *o professor ganha pouco, não tem condições de trabalho; a Escola não dá condições para fazer um trabalho bom; a vida aqui é um inferno*. Será, portanto, que *somente* observações desse tipo iriam nos ajudar a pensar nas nossas formações enquanto professor ou nos fariam ter, logo a principio, uma desilusão que lembra Augusto do Anjos quando diz

*“Esta desilusão só me acabrunha
É mais traidora do que foi Pilatos;
Por causa disso eu vivo pelos matos
Magro, roendo a substância córnea da unha”²*

Pois bem a nossa proposta de observação da realidade escolar não é uma proposta que nos faça pensar no cotidiano da escola como algo que só nos faz sentir mal, muito pelo contrário, mas de pensar a escola como uma instituição que foi escolhida por nós para concretizar uma proposta de vida: a de ser professor; e de pensar também que é naquele ambiente que vou estagiar, ou seja, que vou por em prática o que diz KULCSAR (1991: 64) *“uma parte importante da relação trabalho-escola, teoria-prática que representam, em certa medida, o elo de articulação orgânica com a própria realidade”* ou ainda *“auxilia o aluno a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria à prática”*.

E então: quais foram as observações ?

A principal observação que acreditamos ser mais forte é com relação a Escola como um instituição que impõe normas, que produz sujeitos e onde as relações de poder estão a todo momento implícitas sejam elas entre diretor-

²ANJOS, Augusto dos. *Gemidos de Arte*. In.: REIS, Zenir Campos. *Literatura Comentada*. São Paulo. Abril Educação, 1982

aluno, professor-aluno ou mesmo de aluno-aluno. Segundo JOANILHO (1996:17)

“essas relações de poder podem ser entendidas como uma relação social que se dá de forma dissimétrica, ou seja um indivíduo mantém, numa determinada situação, uma vantagem sobre outro indivíduo. Esta vantagem pode ser material, moral, política ou econômica”

Pois bem, na escola observada percebemos que existem mecanismos que fazem com que essas relações de poder estejam presentes e nós podemos dar como exemplo a própria estrutura física da escola que coloca os seus principais agentes – alunos e professores - neste jogo de relações onde há algo que propicia a ordem e a disciplina entre os indivíduos.

As pessoas que freqüentam a escola começam a ser sujeitos de uma disciplina e de uma vigilância³. Para a escola moderna é preciso que se forme pessoas que tenham acima de tudo comportamentos socialmente aceitos. Portanto suas condutas, seus corpos, suas mentes e enfim, seus gestos são normalizados. Podemos até arriscar um conceito para isso – se isso não for muita pretensão de aprendiz de historiador – os corpos são *adestrados* no sentido mais forte da palavra. O aluno “precisa” começar a pensar de um modo que não vá de encontro as principais normas de conduta tanto da instituição escolar como da própria sociedade em que está inserido. Mas é preciso salientar que essa tentativa de disciplinarizar os corpos não é num todo vitoriosa, pois acreditamos que para todo projeto imposto existem sujeitos que não os aceitam idilicamente. Há que conteste essas novas formas de comportamento dentro da escola. Estes são chamados de *alunos indisciplinados* e que, segundo algumas falas “*precisam tomar jeito*”.

³ Porque é que todas as salas têm janelas que dão para a Diretoria?

As observações citadas até agora foram perceptíveis nos momentos em que estávamos no pátio da escola e ao andar por alguns corredores tivemos um contato rápido com outros recintos da escola como Biblioteca, quadra de esporte e as salas de aula. Na sala de aula nós não tivemos contato com os alunos, mas essa experiência será relatada em outra oportunidade onde adentraremos nesse espaço físico chamado sala de aula, pensada “*não apenas como um espaço onde se transmite informação, mas numa relação de interlocutores construindo sentidos*” (SCHMIDT, 1998: 54) ou um lugar onde estão colocadas de forma manifesta ou latente as singularidades – prazeres e desencantos- da profissão de professor bem como os embates das relações pedagógicas.

Capítulo 2 – A Prática na Escola: do planejamento à execução de atividades.

Depois de relatar uma análise, ou melhor, uma observação concisa sobre o primeiro contato com o mundo escolar pensamos ser de extrema necessidade escrever este capítulo para dar uma idéia de como a nossa prática nesse espaço denominado sala de aula foi possível.

Falamos no primeiro capítulo da importância da observação do objeto de trabalho como um primeiro passo para que haja uma interação e depois uma atuação. Pois bem, fizemos uma observação que nos valeu muito e a partir de agora iremos descrever como foi possível a nossa relação de interação e atuação na Escola Severino Cabral. Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira problematiza sobre uma questão bastante presente (ou não) no ambiente escolar: o planejamento; e a segunda parte iremos ter uma idéia de como as atividades foram possíveis: como foram trabalhadas as questões selecionadas no planejamento.

2.1. Sobre o ato de planejar as atividades

Quando recebemos da professora regente no Colégio o que deveríamos trabalhar veio em mente a seguinte pergunta: como ministrar esses assuntos para tais séries⁴? e logo a resposta foi possível: temos que planejar.

Antes de falar do nosso planejamento de ensino é de extrema importância teorizar um pouco sobre esse ato. Segundo MENEGOLLA e SANT'ANNA (1999:19)

“o ato de planejar sempre parte das necessidades e urgências que surgem a partir de uma sondagem sobre a realidade (...) É através do conhecimento da

realidade que se pode estabelecer com mais precisão quais as mais importantes urgências e necessidades que devem ser enfocadas, analisadas e estudadas durante o ato de planejar”

Pois bem, chegamos na escola, observamos e tivemos a necessidade de planejar os assuntos para que fossem melhor divididos e explorados. Não pensamos com que assunto trabalhar pois nós já tínhamos recebido tais assuntos da própria professora, mas pensamos como trabalhá-los e nesse sentido é importante perceber uma primeira grande falha que existe na rede escolar que é com relação ao fato de que o estagiário ou mesmo o professor regente não tem muita opção de escolha no trabalho com a Disciplina de História. *Vencer o programa torna-se o principal objetivo: de quê?... fica em aberto* (grifo meu)

O planejamento não foi pensado a priori como algo chato, sem nenhuma importância ou como um simples preenchimento de formulário (porque isso é o que alguns professores pensam com relação a esse assunto), mas como algo que iria nos ajudar na nossa prática pedagógica ou ainda como uma atividade que nos orienta; algo que tem uma objetividade, uma confluência com a realidade a que vai se aplicar. Então planejamos as nossas aulas: conteúdos, objetivos, metodologia, recursos didáticos e avaliação.

Depois de planejar o rumo das nossas atividades em Planos de Aulas (**ver anexo 1**) surgiu um problema: os alunos não tinham livros didáticos. O que fazer?

Primeiramente fizemos um texto sobre os assuntos referidos - para a 8ª série : *O Movimento Tenentista*; e para a 1ª série: *O Egito*. (**ver anexo 2**) . Ao fazer algumas leituras de alguns livros didáticos produzimos os textos que

⁴ As séries envolvidas foram a 8ª série (manhã) e a 1ª série (tarde)

digam-se de passagem foram um pouco descritivos, mas tinham várias informações que puderam ser trabalhadas em sala de aula de diversos modos, como por exemplo as práticas das oligarquias na primeira república (que podem ser problematizadas e assemelhadas com práticas existentes na nossa sociedade atual, como o clientelismo) ou a temática da sociedade Egípcia que é pensada como proveniente do Rio Nilo (e aí foi feita uma discussão sobre a questão da água – ou melhor dos recursos naturais - como importantes para a aparecimento de algumas culturas ou para sobrevivência de outras como por exemplo a do Nordeste brasileiro).

Portanto esses textos serviram como uma base para as nossas discussões em sala de aula pois permitiram que fosse levantadas algumas questões tanto por parte do professor como por parte dos alunos.

Essas atividades com textos produzidos por nós foram feitas nos primeiros momentos da prática. Para as outras temáticas - para a 8ª série : *A Crise de 1929*; e para a 1ª série *A mesopotâmia-* (ver **anexo 3**) nós pensamos fazer o seguinte: xerografar capítulos de livros didáticos que são utilizados em uma grande parte das escolas da cidade. O interessante disso tudo foi que esse ato de reproduzir o livro fez com que em certos aspectos a aula fosse marcada por uma antítese: ora a aula tinha um grau de legitimidade muito grande pois tudo que era falado *estava no livro*; ora o aluno não estava interessado em saber daquela História pois ele não se reconhece numa narrativa que conta a vida dos grandes homens e do Estado como se fosse a História de toda a Nação, ou seja *o ser pobre, estudar em escola pública, ser considerado como coitado ou vencido* já é **uma** evidência de que a esse aluno não interessa saber de quem venceu, foi herói e é sacralizado. Interessa a esse aluno sentir-se participante dessa História como cidadão que tem acima de tudo o direito de ser informado sobre a sua realidade e que pode formar-se, construir seus

julgamentos, propor mudanças, ou seja, participar junto com os seus da História que está lá nesse instrumento que é tão simbólico na nossa sociedade e que ele tem uma relação de estranhamento – o livro didático.

2.2. Execução das atividades: a aula expositiva

Para ministrar essas aulas não pensamos em outras técnicas – como por exemplo cinema, teatro, recorte de jornais, visitas à museus - senão a aula expositiva dialogada. E é sobre ela que iremos teorizar e justificar a nossa escolha.

Primeiramente é importante que saibamos que as técnicas existem para ajudar o professor no desenvolver dos conteúdos que estão elencados no seu planejamento. Pois bem, a técnica conhecida como *aula expositiva* foi a escolhida pois pensamos que esta iria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Sabemos que esta técnica é a que hoje em dia é mais rejeitada – pelo menos no campo discursivo -, porém a que mais se utiliza e é importante lembrar aqui que mesmo sabendo que essa técnica é tida como *tradicional, verbalística e autoritária* pensamos que ela poderia ser (ainda) uma atividade dinâmica, participativa e estimuladora do pensamento do aluno da escola em questão.

As aulas ministradas na Escola Severino Cabral foram todas expositivas pois também pensamos que nessa técnica existem algumas vantagens tais como a economia de tempo⁵. Também sabemos das limitações desse tipo de aula, principalmente quando se fala na ênfase da comunicação verbal por parte do professor fazendo com que em alguns momentos haja um certo

⁵ Esse fator tempo foi muito importante pois a nossa prática foi feita num tempo pequeno e além disso direção da Escola já estava nos alertando para o fato da escola entrar em reformas, parализando assim as aulas.

comodismo por parte dos alunos. Mas isso em parte foi solucionado no seguinte sentido: quando foi utilizada uma linguagem clara e a partir daí começou a acontecer uma certa problematização dos assuntos tanto por parte do professor quanto pela parte dos alunos. É importante lembrar que nessas problematizações feitas pelos alunos existe um fato bem curioso: *o aluno fala das suas opiniões mas é como essa opinião não tivesse nenhuma legitimidade e isso acontece por exemplo quando tódo o resto da turma faz piadas com as colocações acerca de determinados assuntos.*

Considerações Finais

A Prática de Ensino dentre outras coisas nos faz pensar no cotidiano da escola como algo que iremos vivenciar por toda a trajetória de profissionais. Esse ambiente não pode ser algo que só nos faz sentir mal, muito pelo contrário, é um ambiente na qual foi escolhido para concretizarmos uma proposta de vida: a de ser professor; Pensemos também que é nesse ambiente que vou estagiar e que vou por em prática aquilo que estudei em alguns anos de Universidade

Esse pensamento coloquei em uma folha de caderno no primeiro dia em que fui à Escola Severino Cabral. Passei num total de três semanas naquele ambiente e o importante de tudo isso foi que consegui fazer o que eu queria: dar aula para aquelas pessoas, aqueles seres humanos que são tão renegados por muita gente (governo, família, professor) e que merecem uma boa aula; uma aula que seja planejada, que seja pensada e que surta um efeito para os “alunos do Estado”

Referência Bibliografia:

- ARRUDA, José Jobson de e PILETTI, Nelson. **Toda a História**: História Geral e do Brasil. São Paulo. Editora Ática: 8ª edição. 2000.
- ARRUDA, José Jobson de. **História Integrada**: do fim do séc. XIX aos dias atuais. Editora Ática: São Paulo. 4ªed. volume 4. 1997.
- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In.: **O saber histórico na sala de aula**. 2ed. São Paulo: Contexto, 1998 (Repensando o Ensino).
- DIVALTE, **História**. Ática: São Paulo. 1ª ed., 2001.
- LOPES, Antonia Osima. Aula expositiva: superando o tradicional. In.: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (org). **Técnicas de ensino: Por que não?** – Campinas, SP: Papyrus, 1991 – (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)
- LOPES, Antonia Osima. Planejamento de ensino numa perspectiva crítica de educação. In.: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (org). **Repensando a didática**. 5ed. Campinas: SP Papyrus 1991.
- JOANILHO, André Luiz. A escola hoje, mecanismos de funcionamento. In: JOANILHO, André Luiz. **História e prática: pesquisa em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996
- KULCSAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integradora. In.: PICONEZ, Stela C.B. (coord) **Prática de ensino e estágio supervisionado**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortês 1994 (Coleção Magistério de 2º grau. Série Formação do professor)
- MENEGOLLA, Maximiliano e SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?**. Petrópolis, Vozes: 1999. (Coleção Escola em Debate)
- MOTA, Myrian Becho e BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. 1ªed. São Paulo: Moderna 1997.
- PILETTI, Claudino. **História e vida (integrada)**. Editora Ática: São Paulo volume 4, 1999.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano em sala de aula. In.: BITTENCOURT, Circe(org.). **O saber histórico em sala de aula**. 2ed. São Paulo: Contexto, 1998
- SILVA, Marcos A . da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo; Brasiliense, 1995.

ANEXOS

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 8ª

TURMA: "A"

TURNO: MANHÃ

ESTAGIÁRIO: *Állyson de Farias Campina*

PROFESSOR-ORIENTADOR: *José Benjamim Montenegro*

Plano de Aula

Tema: *“Os Movimentos Tenentistas”*

Objetivos:

- Descrever a década de 1920 como caracterizada por diversas revoltas;
- Entender o Movimento dos Tenentes como uma revolta que marcou a década em questão;
- Identificar quais as principais ações do Movimento Tenentista;
- Demonstrar a importância do Movimento para a evolução da política Brasileira.

Conteúdo Programático:

1. A instabilidade política na década de 20;
2. A revolta dos Tenentes;
3. Principais ações do Movimento Tenentista;
4. O tenentismo e sua importância para a política Brasileira.

Metodologia: A metodologia usada para esta temática será a aula expositiva com leitura de texto. Esse método é importante nesse momento pois o professor discutirá junto com os alunos algumas noções como *crise, revoltas, política e movimento social urbano*.

Recursos didáticos:

- Texto digitado e xerografado;
- Lousa
- Giz

Avaliação: A avaliação do rendimento escolar será feita através da participação na aulas e de exercícios elaborados sobre o tema feitos em classe e por uma pesquisa individual.

Bibliografia:

ARRUDA, José Jobson de e PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e do Brasil*. São Paulo. Editora Ática: 8ª edição. 2000.

ARRUDA, José Jobson de. *História Integrada*: do fim do séc. XIX aos dias atuais. Editora Ática: São Paulo. 4ªed. volume 4. 1997.

DIVALTE, *História*. Ática: São Paulo. 1ª ed., 2001.

PILETTI, Claudino. *História e vida* (integrada). Editora Ática: São Paulo volume 4, 1999.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 8ª

TURMA: "A"

TURNO: MANHÃ

ESTAGIÁRIO: *Állyson de Farias Campina*

PROFESSOR-ORIENTADOR: *José Benjamim Montenegro*

Plano de Aula

Tema: *1929: O capitalismo entra em crise*

Objetivos específicos:

- Identificar os fatores determinantes para a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929.
- Citar os efeitos da crise de 1929 bem como as medidas para superá-la;
- Entender como a crise de 1929 influenciou na economia brasileira;

Conteúdo Programático:

1. Desastre em Nova York;
2. Efeitos da crise;
3. Medidas para superar a crise;
4. O Brasil e a crise

Metodologia:

- Leitura silenciosa
- Aula expositiva
- Leitura e discussão de um texto de época

Recursos didáticos:

- Quadro e giz
- Texto xerografado
- Documento de época

Avaliação:

A avaliação do rendimento do aluno se dará pelas participações nas aulas e pelo exercício com um documento de época.

Bibliografia:

ARRUDA, José Jobson de e PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e do Brasil*. São Paulo. Editora Ática: 8ª edição. 2000.

ARRUDA, José Jobson de. *História Integrada*: do fim do séc. XIX aos dias atuais. Editora Ática: São Paulo. 4ªed. volume 4. 1997.

DIVALTE, *História*. Ática: São Paulo. 1ª ed., 2001.

PILETTI, Claudino. *História e vida* (integrada). Editora Ática: São Paulo volume 4, 1999.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 1^a TURMA: "D" TURNO: TARDE

ESTAGIÁRIO: *Állyson de Farias Campina*

PROFESSOR-ORIENTADOR: *José Benjamim Montenegro*

Plano de Aula

Tema: *Egito: um oásis no meio do deserto*

Objetivos específicos:

- Identificar a importância do Rio Nilo para a formação da sociedade Egípcia dando ênfase ao conceito *de Império Teocrático de Regadio*;
- Enumerar os principais períodos históricos do Egito;
- Entender as características gerais da sociedade Egípcia;
- Entender o papel da religião no Egito;
- Identificar os aspectos das artes e dos saberes egípcios.

Conteúdo Programático:

1. Egito: um oásis no meio do deserto;
2. A era dos Faraós;
3. A organização social egípcia;
4. As crenças e os deuses;
5. As artes e os saberes egípcios.

Metodologia:

As aulas serão expositivas e terão um mote: de compreender o Egito como uma sociedade que emergiu tendo como principal agente propulsor o Rio Nilo e que desenvolveu além de outras coisas um diversificado sistema de técnicas agrícolas. Além disso trabalharemos com as noções de Civilização, Império, Estado, Teocracia e Arte.

Um outro mote que iremos desenvolver é com relação ao legado cultural e científico que a civilização Egípcia deixou para o ocidente.

Recursos didáticos

- Texto digitado e xerografado;
- Mapa
- Quadro e Giz
- Cartazes

Avaliação:

Os alunos serão avaliados a partir das participações nas aulas; de atividades de consulta dos textos trabalhados em sala de aula e por uma pesquisa feita em casa.

Bibliografia:

ARRUDA, José Jobson de e PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e do Brasil*. São Paulo. Editora Ática: 8ª edição. 2000.

ARRUDA, José Jobson de. *História Integrada: do fim do séc. XIX aos dias atuais*. Editora Ática: São Paulo. 4ªed. volume 4. 1997.

DIVALTE, *História*. Ática: São Paulo. 1ª ed., 2001.

PILETTI, Claudino. *História e vida (integrada)*. Editora Ática: São Paulo volume 4, 1999.

História Geral da Arte (A arte: a beleza e as suas formas). Ediciones delPrado.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 1ª

TURMA: "D"

TURNOS: TARDE

ESTAGIÁRIO: *Állyson de Farias Campina*

PROFESSOR-ORIENTADOR: *José Benjamim Montenegro*

Plano de aula

Tema: *A Mesopotâmia*

Objetivos específicos:

- Localizar onde se desenvolveu a Civilização Mesopotâmica;
- Identificar os principais povos formadores da Civilização Mesopotâmica
- Identificar e compreender as características religiosas, sociais e econômicas da Mesopotâmia.

Conteúdo Programático:

1. A Localização da mesopotâmia;
2. Sumérios, Acádios e Assírios
3. Características comuns dos Povos Mesopotâmicos
4. Organização social, religião e cultura na Mesopotâmia.

Metodologia

- Leitura do texto;
- Aula expositiva
- Leitura e discussão do Código de Hamurabi

Recursos didáticos

- Quadro e giz
- Texto xerografado

- Mapas

Avaliação:

A avaliação do assunto ministrado se dará por meio de uma atividade feita em sala de aula.

Bibliografia:

ARRUDA, José Jobson de e PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e do Brasil*. São Paulo. Editora Ática: 8ª edição. 2000.

ARRUDA, José Jobson de. *História Integrada: do fim do séc. XIX aos dias atuais*. Editora Ática: São Paulo. 4ªed. volume 4. 1997.

DIVALTE, *História*. Ática: São Paulo. 1ª ed., 2001.

PILETTI, Claudino. *História e vida (integrada)*. Editora Ática: São Paulo volume 4, 1999.

O Movimento Tenentista

1. *A instabilidade política na década de 1920.*

Quando a Primeira Guerra Mundial terminou os cafeicultores paulistas e os latifundiários mineiros pareciam incapazes de contornar a crise que atingia a economia brasileira. A manutenção artificial dos preços do café provocava o aumento geral do custo de vida.

É nesse contexto que surgem alguns movimentos sociais que tanto vinham das camadas mais baixas da sociedade quanto das amadas médias urbanas. É aqui que entra em cena o Movimento Tenentista, que expressou o descontentamento das camadas médias urbanas – oficiais, jornalistas, advogados, grandes comerciantes, funcionários públicos- e esse sentido os jovens oficiais do Exército Brasileiro pegaram em armas contra o governo Federal

Nesse texto veremos como foi possível acontecer um Movimento tão importante no cenário brasileiro: o Movimento Tenentista. Depois veremos as principais ações dessa revolta e por fim demonstraremos a importância desse fato para a evolução política brasileira.

2. *A Revolta dos Tenentes*

Na década de 20 tivemos um movimento militar bastante importante. Chamou-se de Movimento Tenentista, pois tratou-se de uma revolta que tinha como principais agentes os oficiais - cadetes, tenentes, capitães – do Exército Brasileiro que estavam descontentes com o Governo. Mas podemos pensar numa questão: esse descontentamento vem de quê ?

O descontentamento dos jovens tenentes brasileiros veio principalmente por algumas questões na qual podemos citar algumas. Primeiramente havia na mente dos oficiais brasileiros uma questão fundamental que era a idéia de que o exército tinha sido abandonado pelo Governo central. Estavam sem material, não tinham verbas, armamentos e nem tampouco prestígio. Somado a isso o fato de que na República Velha o Governo só lhe dera missões que para eles eram indignas e humilhantes como por exemplo depor os governadores que não se enquadravam na política dominante. Além disso devemos entender o Movimento Tenentista como uma tentativa de modernização do país e para que isso fosse possível era preciso questionar três coisas:

- a) A própria República Oligárquica ou República do Café-com-leite;
- b) O coronelismo;
- c) e a política dos Governadores.

É importante também perceber que os Movimentos Tenetistas tinham três fatores em comum, como por exemplo: queriam moralizar a vida política acabando com a fraude eleitoral; queriam o desenvolvimento de um país, ou seja, uma modernização; e também queriam diminuir

a miséria no campo. Além disso os tenentes acreditavam que a tarefa de salvar o país era deles e o caminho mais curto para isso seria o caminho das armas.

3. Principais ações do Movimento Tenentista

As principais ações do Movimento Tenentista foram três: Os 18 do Forte (1922), o Levante Tenentista de 1924 e a Coluna Prestes (1925-1927).

Os 18 do Forte – Para entendermos esse movimento é preciso lembrarmos de algumas coisas importantes como por exemplo da tensão existente entre as oligarquias e o Exército.

Em 1922, no Forte de Copacabana alguns revoltosos se reuniram numa primeira tentativa de chamar atenção do Governo e começaram a disparar contra outros quartéis, mas as forças do governo foram mais fortes e conseguiram deter a maioria dos oficiais que se renderam. Por fim sobraram 18 oficiais que decidiram sair do Forte e enfrentar as forças do governo. Veja a foto abaixo:



Publicada na revista carioca *O Malho*, a foto tirada por Zenóbio Couto registra o momento em que os rebeldes do forte de Copacabana caminham pela avenida Atlântica para enfrentar as forças do governo. Na fuzilaria que se seguiu, somente dois rebeldes sobreviveram. Um deles, o tenente Sílvio de Campos, é o segundo da esquerda para a direita, em primeiro plano na foto.

O Levante Tenentista de 1924 – A repressão ao Movimento Tenentista de 1922 criou muitos ressentimentos. Temendo novas revoltas o governo mandou alguns oficiais “subversivos” para quartéis bem longe da capital; além disso também condenou alguns militares a prisão. Em decorrência disso uma parte do Exército se sentiu ofendida com tais gestos e começou a partir daí uma nova revolta: desta vez na capital Paulista. Houve um controle da cidade de São Paulo pelos revoltosos, mas o Governo também conseguiu deter esta revolta.

Alguns tenentes paulistas fugiram e se encontraram com o grupo de Luis Carlos Prestes e engrossaram as fileiras do que nos iremos conhecer como Coluna Prestes.

A Coluna Prestes – A partir do ano de 1925 dois grupos se encontraram e decidiram empreender uma longa marcha pelo interior do Brasil. Liderada pelo Capitão Luis Carlos Prestes o principal objetivo desta marcha foi levar as ideias tenentistas aos mais distantes lugares do país e desgastar o governo até que ele caísse.

Foram 24.000 quilômetros de marcha. Participaram de vários combates com tropas do governo e com jagunços pagos por grandes fazendeiros. Em 1927 a coluna foi reduzida a 620 homens que se refugiaram em outros países como Bolívia, Paraguai e Argentina. Era o ponto final nos levantes tenentistas da década de 20. Mas suas ideias não foram esquecidas...

Na marcha pelo Brasil os membros da Coluna Prestes conheceram a miséria que em boa parte eram consequência da dominação oligárquica. Nas suas marchas a violência era a principal componente



4. O Tenentismo e sua importância

O Tenentismo foi um movimento muito importante para a Evolução política Brasileira pois conseguiu por em "xeque" algumas questões e algumas instituições. O mais importante de tudo é saber que o movimento tenentista consegue contestar as estruturas da política oligárquica que começou a ruir chegando ao seu fim com a chamada Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas à presidência da República inaugurando uma nova fase da história da República.

Exercício de Verificação da Aprendizagem

"O Movimento Tenentista"

1. Assinale o principal fator que contribuiu para a eclosão das Revoltas Tenentistas:
 - a) Os Tenentes queriam conquistar o poder, implantando uma ditadura militar;
 - b) Os revoltosos queriam acabar com os benefícios dos oficiais de alta patente;
 - c) Os tenentes queriam que todos os militares que participassem da vida política do país fossem punidos;
 - d) Os tenentes desejavam o fim do sistema político oligárquico, que julgavam corrupto, e a moralização das instituições da República para unificar a nação em torno de um poder político mais forte.

2. Quais foram as principais revoltas tenentistas? E os seus objetivos?

3. Fale das motivações dos levantes tenentistas da década de 1920, utilizando as seguintes idéias:
 - a) **Oligarquias Agrárias;**
 - b) **Política dos governadores;**

O Egito

No nordeste da Região Africana ao longo das margens do Rio Nilo constituiu-se uma das mais duradoura e exuberante sociedades da História: O Egito.

Hoje em dia muitos são os que procuram saber mais da sociedade que construiu pirâmides colossais a que desenvolveu inúmeros conhecimentos que são utilizados até hoje.

A ciência que estuda o Egito Antigo é conhecida como Egíptologia e é importante ressaltar que para começar a desvendar o Egito Antigo foi preciso primeiramente decifrar um sistema de escrita denominada hieroglífica. Quem primeiro fez esse estudo foi o professor Jean François Chapollion quando decifrou um achado arqueológico chamado *Pedra de Roseta*, em 1799. Nessa pedra existia vários pequenos desenhos com significados diversos.

1. Egito: um oásis no deserto

Podemos dizer que o Rio Nilo foi um dos grandes responsáveis pelo aparecimento da Sociedade Egípcia. As cheias periódicas desse Rio transformaram o Egito numa espécie de oásis no meio do deserto e foram importantes pois tornaram férteis uma grande extensão de terras que estavam as suas margens. A partir daí muitas gerações de Egípcios foram aprimorando um grande sistema de irrigação construindo diques e canais aproveitando assim inundações para o desenvolvimento da agricultura.

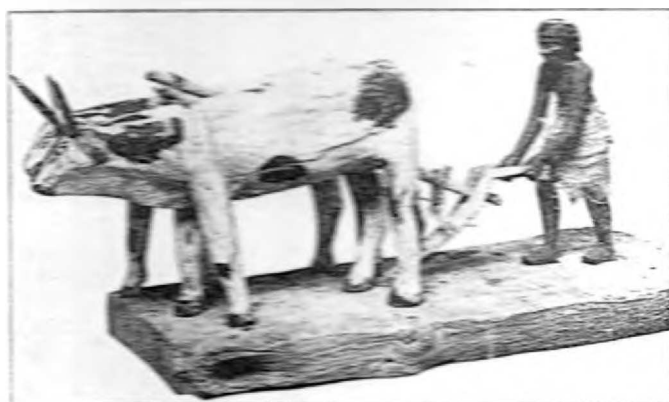


Fig. 1 - Escultura encontrada em uma tumba do Médio Império (2100-1580 a.C.) Nele vemos um agricultor trabalhando com um arado de madeira puxado por bois.



Fig. 2 - Quatro milênios depois ainda é possível ver a mesma cena no Egito atual

2. A Era dos Faraós

Por volta do quarto Milênio a.C. existiam pequenas comunidades chamadas de *nomos*, cada uma delas chefiada por um líder, chamado *nomarca*. A fim de obter maior aproveitamento das cheias do grande Rio tais comunidades se uniam para efetuar a construção de diques e de canais de irrigação.

Com o tempo os agrupamentos acabaram originando a formação de dois reinos distintos, correspondentes ao Alto Egito (sul) e o Baixo Egito (norte).

Por volta de 3200 a.C., Menés, soberano do Alto Egito, impôs a unificação dos dois reinos tomando para si o título de Faraó. A partir daqui, pode-se dividir a história do Egito em quatro longos períodos:

Antigo Império: (3200- 200 a.C.) Durante maior parte desse período o centro administrativo do Egito era a cidade de Mênfis, no delta do Nilo. Dentre os faraós mais conhecidos dessa fase estão Quéops, Quéfren e Miquerinos.

A partir de 2350 a.C. as lutas entre os líderes dos *nomos* desorganizam o poder central e enfraqueceram o poder do Faraó.

Médio Império: (2000 - 1580a.C.) Poder restaurado por governantes do Alto Egito. O centro administrativo estabeleceu-se em Tebas e seguiu-se um longo período relativa prosperidade que durou cerca de 400 anos até a invasão dos *hicsos* (Povo da Ásia Ocidental) que dominou e subjulgou o Egito por 200 anos.

Novo Império: (1580 - 1085 a.C.) Expulsão dos *hicsos* por soberanos do Alto Egito que consolidaram a autoridade do faraó sobre todo o território.

Nesse período o Egito (nos governos de Tutmés III e Ramsés II) tornou-se a região mais poderosa do crescente fértil. Mas a partir do século XII a.C. teve início um período de enfraquecimento do poder dos faraós ocasionado por disputas internas.

Descentralizado o poder central o Egito sofreu sucessivas invasões culminando com a conquista do império pelos assírios em 671 a.C.

Renascimento Saíta: (663 - 525 a.C.) Príncipes de Sais, cidade localizada no Delta do Nilo, lideraram os egípcios na expulsão dos assírios e possibilitaram mais uma vez o fortalecimento da sociedade egípcia. Porém a estabilidade durou pouco e em 525 a.C. os Persas dominaram o Egito.

Depois do domínio Persa o território foi conquistado sucessivamente pelos Gregos e Romanos.

3. A organização social

No Egito todo o poder estava centralizado nas mãos do Faraó que era considerado um deus. Chamamos essa forma de governo de Teocracia. O Faraó comandava o exército, distribuía justiça e organizava as atividades econômicas. Tinha várias mulheres e só uma utilizava o título de rainha.

Já a população estava organizada em diversos comandos sociais como: os sacerdotes, nobres, escribas, soldados, camponeses, artesãos e escravos.

Sacerdotes: Administravam os bens ofertados aos deuses pelos fiéis e pelo Estado, assegurando a regularidade da Prática Religiosa. A principal função era de transmitir as respostas das divindades às perguntas dos fiéis.

Nobreza: Formada por parentes do Faraó, altos funcionários do Palácio, oficiais do exército e chefes administrativos

Escribas: Tinham boa formação que lhes permitia desenhar com facilidade os complicados caracteres dos hieróglifos

Soldados: Não eram muito estimados pela população em geral. Viviam de produtos dados em pagamento pelos serviços e dos saques realizados durante as guerras.

Camponeses e artesãos: Camponeses trabalhavam em terras pertencentes ao Estado às altas camadas sociais e até templos. O pouco que conseguiram acumular ao ritual funerário, na esperança de garantir vida melhor após a morte.

Escravos: Eram em geral bem tratados e protegidos. Eram numerosos em tempos de guerra. É importante lembrar que a experiência escravista do Egito é *totalmente diferente da do Brasil*

4. Crenças e Deuses

A religiosidade constitui, sem dúvida nenhuma o fator mais marcante da sociedade egípcia. Eles eram politeístas, ou seja, adoravam diversos deuses. Os principais deuses egípcios eram Rá (sol) e Osiris (Nilo). Animais como o boi, o crocodilo e o gato eram considerados sagrados.

Os egípcios acreditavam que cada pessoa tinha uma alma que sobrevivia enquanto o corpo não fosse destruído. Eles acreditavam que a vida após a morte era possível.



Por acreditar no regresso da alma, reproduzia-se dentro dos túmulos a vida terrena. Os mais ricos eram enterrados com objetos pessoais, utensílios domésticos e ricos tesouros, que serviam para alimentar o espírito. Pinturas e estatuas reproduziam situações cotidianas e serviam também para dignificar o morto. Essa pintura encontrada na tumba de Ramósis (cerca de 1370 a.C.) mostra mulheres lamentosas. Muitas vezes, essas mulheres acompanhavam os cortejos funerários.

A preocupação com os mortos levou os egípcios a construir túmulos duradouros. Os mais grandiosos eram as pirâmides que guardavam o corpo do faraó. Nas *mastabas* (pequeníssimas pirâmides) e nos *hipogeus* (túmulos secretos) ficaram sepultados nobres e sacerdotes ilustres.

5. As Artes e os Saberes

A produção artística era voltada essencialmente para o fator religioso. As principais obras da arquitetura egípcia foram os templos, pirâmides, mastabas e hipogeus.

No campo da escultura podemos citar o exemplo da esfinge e estatuas de faraós.

Já a pintura, por sua vez, tinha função decorativa e retratavam cenas do dia-a-dia.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SEVERINO CABRAL.

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 1º

TURMA: "D"

PROFESSOR: *Allyson de Farias Campina*

ALUNO (A)

Exercício de Verificação da Aprendizagem

"O Egito"

1. Leia o texto e responda as questões abaixo:

a) O Historiador grego Heródoto disse certa vez que: "O Egito é uma dádiva do Nilo". Comente esta frase.

b) Quais os principais períodos históricos do Egito ?

c) Que povo invadiu e dominou a região do Delta do Nilo por volta de 1750 a.C. ? Qual a origem desse povo?

d) A partir dos anos de 1580 – 1085 a.C. o Egito começou a vivenciar uma nova fase da sua história. Que fase era essa e quais suas características?

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral

Disciplina: História

Série: 8ª

Turma: "A"

Professor: Allyson de Farias Campina

Aluno (a):

A crise de 1929

Durante a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos tornaram-se os principais fornecedores dos países europeus em gêneros alimentícios, produtos industrializados e capitais.

Esse ritmo das exportações norte-americanas manteve-se, e até mesmo cresceu, na década de 1920, enquanto as nações da Europa tratavam de reconstruir suas economias destruídas pelo conflito.

Com a redução das importações européias, principalmente a partir de 1925, o mercado interno norte-americano viu-se abarrotado de mercadorias excedentes e capitais improdutos. Foi o excesso de produção que provocou a crise de 1929, com a falência de um grande número de empresas.

Por causa da dependência econômica da maior parte dos países em relação aos Estados Unidos, eixo central do sistema capitalista, a crise repercutiu internacionalmente. Vejamos como isto foi possível.

1. Desastre em Nova York

Terminada a Primeira Guerra Mundial, a Europa foi aos poucos se recuperando e sua produção voltou aos níveis anteriores à guerra. Com isso, os europeus passaram a importar menos produtos norte-americanos. E os Estados Unidos, grandes fornecedores da Europa, viram suas exportações diminuir e os estoques de mercadorias industrializadas e de produtos agrícolas aumentarem. O governo não interferiu e a produção não diminuiu. Assim, os estoques foram aumentando cada vez mais, o que exigiu grandes gastos com armazenamento, principalmente para os agricultores, que, em dificuldades econômicas, foram obrigados a hipotecar (oferecer como garantia das dívidas) suas terras.

A situação foi se agravando até que, em 1929, houve o que ficou conhecido como a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Bolsa de Valores é a instituição por meio da qual são vendidas ou compradas ações de diferentes empresas. Ao comprar ações de uma determinada empresa, os comprado-

res tornam-se sócios dela. Por sua vez, vendendo novas ações, as empresas conseguem dinheiro para sua manutenção e crescimento.

Com a crise econômica (desemprego, grandes estoques de produtos agrícolas e industriais por falta de compradores, queda de preço e falências, etc.), muitos acionistas colocaram suas ações à venda na Bolsa de Valores de Nova York.

No dia 24 de outubro, o centro financeiro dos Estados Unidos, *Wall Street*, entrou em pânico, pois era muito grande a oferta de ações e faltavam compradores. Nesse dia, que se tornou conhecido como a *Quinta-feira negra*, o valor das ações caiu vertiginosamente. Ninguém conseguia mais vender as ações que possuía. Milhares de pessoas que tinham apostado tudo na Bolsa ficaram arruinadas.

As empresas, por sua vez, foram ficando sem recursos financeiros e passaram a tomar medidas drásticas, como férias coletivas, redução da jornada de trabalho e demissão em massa de empregados.

O desemprego atingiu níveis alarmantes. Calcula-se que 14 milhões de pessoas perderam o emprego e muitas fábricas e bancos foram à falência.

A Lei Seca e os gângsteres

Os Estados Unidos também ficaram conhecidos na década de 1920 por terem proibido a produção e venda de bebidas alcoólicas. Era a famosa Lei Seca. O objetivo principal era o de proteger o cidadão americano contra os perigos do álcool. Essa lei, que começou a vigorar em 1920, interferiu muito no modo de vida dos americanos.

Alguns setores da sociedade, como a Liga dos Antialcoólicos, ficaram felizes com a medida, chegando mesmo a festejar "o nascimento de uma América sem álcool".

Mas a instauração do regime de proibição foi festejada de outra maneira pelos apreciadores de álcool: festas luxuosas de "adeus", regadas a champanhe, animaram as noites antes que as bebidas fossem flagradas. Na ocasião, inúmeros estoques de vários distribuidores foram confiscados por agentes federais.

Nos Estados Unidos da década de 1920, a luta antialcoólica vinha diretamente do puritanismo colonial. Foi um reverendo, Cotton Mather, o primeiro a decretar a incompatibilidade entre o álcool e o cristianismo.

Com a fundação do Sindicato Feminino Cristão contra a bebida alcoólica, depois da Guerra da Secessão, a perseguição tomou grandes proporções. Era comum se dizer na época: "Um bom ritmo industrial exige trabalhadores sóbrios".



Durante a Lei Seca, praticamente ninguém deixou de beber, pois na clandestinidade a bebida circulava em grande quantidade.

A proibição levou alguns a continuarem vendendo bebidas na clandestinidade. Surgiram, assim, os gângsteres, geralmente organizados em quadrilhas que vendiam bebida no contrabando.

O mais célebre deles foi Al Capone, condenado em 1931 a onze anos de prisão, e que vem inspirando escritores, diretores de filmes e criadores de revistas em quadrinhos até os dias de hoje.

Mas a Lei Seca favoreceu também cidadãos aparentemente respeitáveis, que fizeram fortuna com a venda clandestina de bebida alcoólica. O certo é que praticamente ninguém deixou de beber caso quisesse, tais eram as proporções da venda ilegal.

Em 1933, o então presidente Franklin Roosevelt revogou a Lei Seca. A maioria dos americanos comemorou à vontade o acontecimento. O uísque correu solto!

(Adaptado de: *Cronique de l'Amérique*. Paris, Jacques Legrand, 1989. p. 613.)

Foto de investidores em frente ao prédio da Bolsa de Valores de Nova York, no dia 24 de outubro de 1929.



A crise de 29 ficou conhecida também como *Grande Depressão*.

No meio da crise, muita gente ganhava dinheiro graças à Lei Seca, como era chamada a lei que proibia a venda de bebida alcoólica. Leia, sobre isso, o boxe "A Lei Seca e os gângsteres".

2. Efeitos da crise

Os efeitos da crise não se restringiram aos Estados Unidos. Devido à importância econômica da nação norte-americana, todo o mundo capitalista sofreu seus efeitos.

Cada país foi atingido com maior ou menor intensidade, de acordo com sua ligação com a economia norte-americana. A Inglaterra e a Alemanha foram os países mais atingidos.

O efeito social mais visível de todos foi o desemprego. Nos Estados Unidos, como vimos, foram 14 milhões; na Inglaterra, 3 milhões; na Alemanha, 6 milhões; na Itália, 1 milhão e na França, meio milhão de desempregados. Em 1932 havia cerca de 30 milhões de desempregados nos países capitalistas.

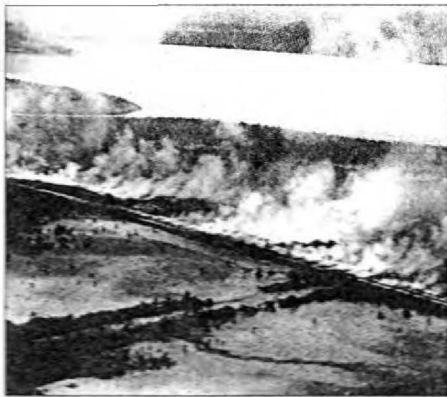
A crise teve também efeitos psicológicos e políticos sobre as pessoas. Muita gente perdeu a confiança no governo e a popularidade dos políticos nunca fora tão baixa.

A crise de 29 e o Brasil

O Brasil também sentiu os efeitos da crise de 1929. O café era o principal produto brasileiro de exportação e os Estados Unidos eram os maiores compradores.

Por causa da crise, os norte-americanos diminuíram suas compras e os estoques brasileiros aumentaram. Com isso, os preços do café caíram a níveis baixíssimos. O governo, numa tentativa de elevar o preço, ordenou a destruição de milhões de sacas de café, entre 1931 e 1933 (veja foto abaixo). O presidente dessa época era Getúlio Vargas, conforme vimos no capítulo anterior.

A indústria brasileira, no entanto, foi favorecida, pois muitos fazendeiros deixaram de plantar café e passaram a investir seu capital em atividades industriais. Além disso, por causa da desvalorização da nossa moeda, os produtos importados ficaram mais caros. Isso incentivou sua produção aqui no Brasil.



Queima de café em Santos, em 1931.

3. Medidas para superar a crise

Em 1932, Franklin Delano Roosevelt foi eleito presidente dos Estados Unidos. Ao assumir a presidência em março de 1933, Roosevelt definiu um conjunto de medidas para recuperar a economia americana. Essas medidas, que ficaram conhecidas como *New Deal* (Novo Acordo), determinavam o seguinte:

- * controle, pelo governo, de todos os preços dos produtos;
- * controle da produção agrícola, de petróleo e do carvão, cujos preços foram fixados pelo governo;
- * empréstimo aos proprietários agrícolas, para pagarem suas dívidas;
- * construção de grandes obras públicas para dar trabalho aos desempregados.

O programa de restauração da economia posto em prática por Roosevelt teve resultados positivos. A indústria voltou a produzir e a reempregar

operários. Os agricultores pagaram os empréstimos dados pelo governo e se recuperaram. Além disso, dez anos depois sobreveio a Segunda Guerra Mundial, levando os Estados Unidos a fornecer grande quantidade de produção aos países europeus. Começava a fase de dominação da economia americana no mundo.

Leia também os textos que seguem, que mostram diversos aspectos da sociedade e da cultura americana a partir da crise de 29.

Empire State Building, um dos símbolos norte-americanos

Em plena época da Grande Depressão americana, o presidente Herbert Hoover, que governou os Estados Unidos de 1929 a 1933, aprovou a construção, em Nova York, do Empire State Building. Sua construção foi considerada como uma forma de os americanos terem confiança na prosperidade econômica do país, que, naquele momento, estava passando por séria crise.

O projeto tinha a intenção de traduzir o espírito de grandiosidade que os Estados Unidos gostariam de impor ao mundo. Por isso foi construído para ser o maior arranha-céu do planeta.

O Empire mede 379,5 m e tem 104 andares. No começo contava com butiques e restaurantes no andar térreo e, no imenso terraço do último andar, havia uma espécie de pista de aterrissagem para pequenos aviões. Hoje, ele não é mais o maior edifício do mundo, mas ainda é bastante visitado por turistas e continua sendo um dos símbolos americanos. É também muito utilizado para cenas de filmagens.

A construção do Empire foi decidida na década de 1920, mas só começou a ser realizada em 1930. Para sua estrutura, foram necessários mais de 400 toneladas de aço inoxidável, 10 milhões de tijolos e 6 400 janelas. A torre foi planejada para suportar as mais violentas tempestades. O seu topo é freqüentemente açoitado por ventos de mais de 160 km/h.

(Adaptado de: *Cronique de l'Amérique*, Paris, Jacques Legrand, 1989, p. 651.)



O Empire State Building, em Nova York, foi inaugurado em maio de 1931, em plena Grande Depressão, e passou a constituir um símbolo da prosperidade americana.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral

Disciplina: História

Série: 8ª

Turma: "A"

Professor: *Álhyson de Farias Campina*

Aluno (a)

Exercício

Tema: A crise de 1929

1. **Leia** o texto abaixo e responda as questões

O texto abaixo, escrito em 1937, descreve a situação dos desempregados, em decorrência da crise que atingiu seu ponto mais crítico em 1929.

Tomei consciência pela primeira vez do problema do desemprego em 1928... Lembro-me do choque, do espanto que senti, quando pela primeira vez me misturei com vagabundos e mendigos, ao descobrir que uma boa parte, talvez uma Quarta parte dessa gente... eram mineiros e colhedores de algodão, jovens e honestos, contemplando seu destino com aquele assombro estúpido de um animal que caiu em armadilha. Simplesmente não conseguiam entender o que acontecia com eles.

Tinham sido criados para trabalhar, e – vejam!- eram como se nunca fossem ter a oportunidade de voltar ao trabalho. Nessas circunstâncias era inevitável, no início, que fossem perseguidos por um sentimento de degradação pessoal.

George Orwell

Questões sobre o texto:

a) Que descoberta deixou o autor chocado ?

b) **O que** os desempregados não conseguiam entender ?

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral

Disciplina: História

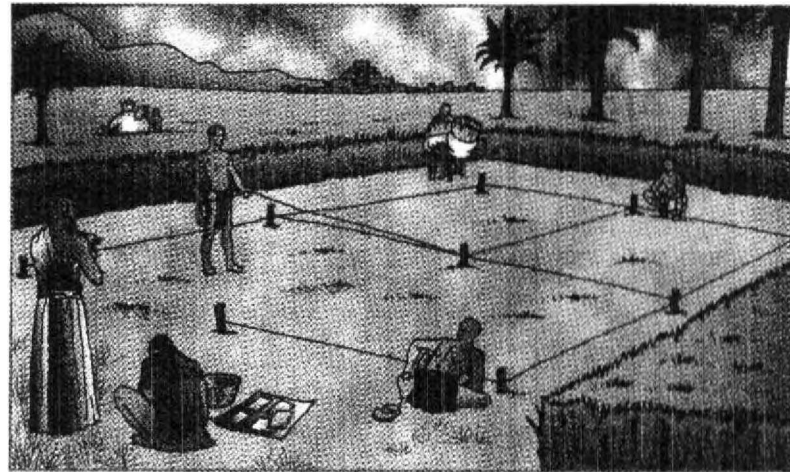
Série: 1ª

Turma: "D"

Professor: *Allyson de Farias Campina*

Aluno (a)

Os povos da Mesopotâmia: Sumérios, Acádios e Assírios



CAPÍTULO 4

Povos da Mesopotâmia: sumérios, acádios e assírios

Na Mesopotâmia — que em grego significa *região entre rios* — viveram muitos povos. A região, localizada entre os rios Tigre e Eufrates, era fértil e menos protegida que a do vale do rio Nilo, o que facilitava a fixação de populações, a formação de cidades e uma intensa disputa pelas melhores terras. Em épocas sucessivas, sumérios, acádios e assírios impuseram sua dominação e conquistaram a hegemonia entre os povos mesopotâmicos.

A ocupação efetiva da região entre rios iniciou-se no final do IV milênio a.C., provavelmente com a chegada de populações que habitavam as montanhas da Armênia ou do Turquestão. Mais tarde, por volta de 3000 a.C., povos semitas se fixaram na região.

Conforme as características naturais, a Mesopotâmia apresentava duas áreas distintas: a Assíria ao norte e a Caldéia ao sul. Na Assíria, quente e seca, a vegetação era escassa. Na Caldéia, à medida que o território se aproximava do mar, surgiam pântanos e terrenos alagados pelas cheias dos rios. Mais fértil, essa região

era muito disputada e por ela os sumérios começaram a ocupar o território mesopotâmico.

1. Sumérios e acádios (2800-2000 a.C.)

A primeira civilização que se desenvolveu na Mesopotâmia foi a dos sumérios. Quish teria sido a primeira cidade dessa civilização; depois surgiram Ur, Uruk, Lagash, Eridu e Nipur. As cidades tinham autonomia religiosa, política e econômica, ou seja, cada qual constituía um Estado.

Cada cidade era governada por um sacerdote, ajudado por um conselho de anciãos. Essa organização deu lugar a uma espécie de governo pessoal e despótico¹. O chefe político, considerado representante do principal deus da cidade, era chamado de *patesi*. Suas atribuições passaram com o tempo a ser transmitidas por hereditariedade, dando início às dinastias — a mais importante foi a da cidade de Lagash, que entrou em conflito com a de Ur.

¹ *Despótico*: forma de governo em que se exerce o poder sem respeito a qualquer tipo de lei ou limite. Na Antiguidade, definia-se como despótica a relação que o senhor tinha com seu escravo.

Enquanto Lagash e Ur guerreavam, os semitas instalaram-se na Mesopotâmia. Sua cidade mais importante foi Acad, que deu origem ao termo *acádios*. Por volta de 2330 a.C., o rei semita Sargão unificou as cidades sumérias, criando o *Primeiro Império Mesopotâmico*.

Nesse Império, os acádios estabeleceram uma organização política centralizada, afastando a influência dos sacerdotes. Em 2180 a.C., o Império Acádio foi devastado pelos *gúts*, povo asiático originário das montanhas da Armênia. A cidade de Ur conseguiu recuperar-se, expulsou os invasores e conquistou a hegemonia sobre toda a Suméria. Entretanto, em 2000 a.C., os *elamitas* puseram fim a essa supremacia.

Primeiro Império Babilônico (1800-1600 a.C.)

O enfraquecimento das cidades sumérias possibilitou a ascensão dos semitas, que estavam concentrados em torno da Babilônia. Um dos primeiros reis babilônicos foi Hamurabi (1728-1686 a.C.), que ampliou o Império, estendendo as fronteiras até o golfo Pérsico. Mas sua principal característica era ser um legislador. Ele foi o responsável pela formulação de um dos primeiros códigos de leis de que se tem conhecimento: o *Código de Hamurabi*.

Hamurabi garantiu ao Império ainda uma administração eficiente: transformou a língua acádia em língua oficial e Marduk no primeiro deus supremo da Mesopotâmia. O Império entrou em decadência provavelmente no século XVI a.C., com a invasão dos hititas e assírios.

2. O Império Assírio (1875-612 a.C.)

O Império Assírio surgiu por volta de 1880 a.C. Mas apenas entre 883 a.C. e 612 a.C. é que os assírios conquistaram um vasto território, ao procurar uma passagem para o golfo Pérsico e para o mar Mediterrâneo. Durante essa expansão, foram anexados territórios para além do limite da Mesopotâmia, como a Síria e o Egito.

Guerreiros ferozes, os assírios impunham a dominação pelo terror. Saqueavam, destruíam e massacravam os vencidos; os revoltosos sofriam terríveis torturas. Esse povo foi o primeiro a ter um exército organizado, com recrutamento obrigatório e permanente. A infantaria acompanhava-se de lanças e arcos. Havia tropas de soldados especializados em construir pontes e uma cavalaria muito eficiente, além de carros de combate e armas como o *arlete* e a *catapulta*.

O auge do Império Assírio ocorreu durante os reinados de Sargão II, Senaqueribe e Assurbanipal. Este último foi o responsável pela conquista do Egito.

O tipo de dominação imposta pelos assírios, entretanto, provocava constantes revoltas. A crise do Império começou quando os babilônios conseguiram se libertar. Surgiram se intensificaram as relações na Fenícia, na

O Código de Hamurabi

O Código de Hamurabi é o mais extenso e o mais antigo corpo de leis da Antiguidade, porém não é o mais antigo. Existiram diversos outros, como o do fundador da terceira dinastia de Ur, Ur-Nammu (2318-2094 a.C.), considerado um dos primeiros códigos.

Importante destacar que o Código de Hamurabi não é semelhante aos nossos atuais códigos de lei: corresponde mais a uma obra literária. Não se refere, por exemplo, a diversas etapas do cotidiano, que são normatizadas pelos tribunais babilônicos. Conforme sua organização, o Código pode ser dividido em três partes: prólogo, corpo de leis e epílogo. O prólogo e o epílogo são escritos de forma épica, e o corpo de leis em estilo casuístico.

No prólogo estão medidas sociais adotadas por Hamurabi para torná-lo glorioso entre os reis: ele é clara-se escolhido pelos grandes deuses "para fazer surgir justiça na terra, para eliminar o mau e o perverso para que o forte não oprima o fraco, para, como o sol, levantar-se sobre os cabeças pretas e iluminar o país". A descrição das diversas atividades de Hamurabi em prol da justiça e do bem-estar dos babilônios continua no epílogo, que discorre, também, sobre as finalidades do Código. Seu final é marcado pelo pedido de bênção a todos que respeitarem suas prescrições e o de maldição aos que tentarem aboli-las.

Para compor o corpo do Código foram usadas sentenças proferidas por Hamurabi, mas também muito da tradição dos povos da Mesopotâmia. Não eram leis também válidas para toda a Babilônia: os preceitos que os juizes deviam consultar e seguir em seu trabalho. Seu objetivo principal era estabelecer valores morais, mostrar à comunidade o padrão de justiça e benevolência do rei e influenciar os julgamentos futuros.

Alguns dos temas abordados pelo Código eram penas a serem impostas em alguns delitos praticados durante processo criminal, direito patrimonial, direito de família, filiação e herança, penas para lesões corporais, dívidas e obrigações de algumas categorias profissionais, preços e salários, propriedade de escravos.

(Adaptado de Emanuel Bonzon, *O Código de Hamurabi*, Petrópolis, Vozes, 1967, p. 21.)

Babilônia e em Elam. Em 612 a.C., os medos, oriundos da região do mar Cáspio, tomaram Assur e Ninive, o fim do Império Assírio.

Segundo Império Babilônico (612-539 a.C.)

O domínio babilônico voltou a se impor com caldeus, um dos povos que se aliam aos medos para combater os assírios. Nabopolassar foi quem iniciou nova dinastia, que teve como principal soberano, filho Nabucodonosor (605-562 a.C.). Ele foi respon-

AS CIVILIZAÇÕES MESOPOTÂMICAS



vel pela conquista de Jericó em 5177 a.C., e por levar as tábuas cuneiformes para a Babilônia.

Para marcar suas vitórias, Nabucodonosor mandava construir grandiosas obras, como os Jardins Suspensos. Alguns indícios levam a crer que a Torre de Babel, citada na Bíblia, pode ser uma referência a alguma construção dessa época. Sem sucessores capazes de manter sua obra, o Segundo Império Babilônico acabou conquistado pelos persas.

3. Características comuns aos povos da Mesopotâmia

Apesar da grande diversidade cultural, é possível traçar algumas características comuns às sociedades que se desenvolveram na Mesopotâmia. Vamos iniciar pela análise da economia.

Economia

Comparado ao Egito, o Estado na Mesopotâmia participava menos da economia. As estruturas econômicas e sociais, entretanto, eram muito semelhantes. A base da economia era a agricultura, que dependia das cheias dos rios Tigre e Eufrates. Além de irregulares, essas cheias eram violentas e mais difíceis de ser controladas do que as do Nilo. Esse controle exigia uma ação coletiva intensa.

Como vimos, a região entre rios era marcada ainda por grandes contrastes: ao norte, terras áridas e montanhosas; ao sul, planícies férteis. Por esse motivo, pastores assírios assaltavam com frequência as terras do sul em busca de cereais e de uma palmeira utilizada na produção de uma espécie de vinho.

A formação do Estado na Mesopotâmia não alterou significativamente as relações de posse da terra, que continuou a ser comunitária. O indivíduo tinha sua posse apenas enquanto permanecesse na comunidade. O Estado, por sua vez, ficava com parte dos produtos do trabalho realizado nela. O excedente acumulado permitiu o desenvolvimento das cidades e do comércio com regiões distantes.

As técnicas empregadas no cultivo eram desenvolvidas. Além de irrigar, os agricultores espaçavam suas plantações para obter maior rendimento; utilizavam também tração animal, com bois e cavalos. Os principais produtos cultivados eram o trigo, a cevada e o centeio. Criavam-se ainda carneiros, cuja lã era destinada à fabricação de tecidos.

Toda a atividade econômica era supervisionada por funcionários do governo. Isso ocorria principalmente na próspera região da Caldéia, onde a existência de numerosos pequenos proprietários exigia uma regulamentação mínima. O Código de Hamurabi, por exemplo, trata prescrições rígidas sobre a construção e manutenção dos canais e diques, sem os quais era impossível a prática da agricultura na Mesopotâmia.

A produção artesanal era diversificada: compreendia, por exemplo, vasilhas, objetos de metal, móveis e bijos. Este último era o material básico das construções mesopotâmicas.

Comércio

O grande desenvolvimento do comércio na Mesopotâmia explica-se pela escassez de certos produtos na região e pela facilidade de comunicação com outros povos. Essa atividade gerou grandes riquezas. Caravanas de mercadores partiam em busca de matérias-primas, como estanho, cobre, marfim e pedrarias. Havia troca de produtos entre as cidades e com regiões tão distantes quanto o Cáucaso e a Ásia Menor.

A atividade comercial, muitas vezes, estava associada aos negócios com terras e escravos e ao empréstimo de bens a juros. O sistema monetário era pouco desenvolvido; cevada e metais eram utilizados como referência de valor. No comércio com outras regiões, podiam-se utilizar lingotes de ouro e prata.

4. Organização social

A organização social dos povos mesopotâmicos estava sedimentada na antiga estrutura tribal, dividida em clãs e famílias. Isso resultou em grande quantidade de chefes, que formavam uma nobreza hierarquizada.

O rei impunha-se pelo caráter divino de sua missão, mas não era considerado um deus, como entre os egípcios. Acumulava riquezas fabulosas, tinha palácios e uma corte.

Ligado ao Estado, surgiu um grupo social formado por nobres, funcionários e sacerdotes, que usufruíam dos impostos arrecadados. A instituição que concentrava a riqueza cobrada aos camponeses e artesãos era o Templo, administrado pelos sacerdotes.

Na Mesopotâmia predominavam as pessoas livres. Os escravos surgiam sobretudo durante as guerras e pertenciam à comunidade. A inexistência da propriedade privada do solo dificultava sua exploração, já que o trabalho era realizado pelos próprios membros da comunidade.

Os escravos eram utilizados nos trabalhos mais duros, como o das minas. Vendidos como animais, andavam sempre de cabeça raspada e podiam ter a testa marcada a ferro quente. Muitos eram antigos homens livres que, para fugir à pobreza, acabaram se vendendo como escravos.

Escribas, médicos, funcionários e artífices completavam o rígido quadro social. Quanto às mulheres, gozavam de certa independência.

5. Religião

Os deuses, numerosos na Mesopotâmia, eram representados com a forma humana. Simbolizavam as forças da natureza e os astros do céu. Alguns eram ob-

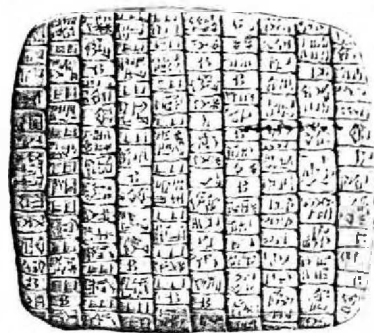
jecto de culto geral, como *Anu*, deus do céu, *Shamash*, deus do Sol e da justiça, *Sin*, deusa da Lua, *Ea*, deus das águas. Cada povo cultuava com mais intensidade uma divindade: os babilônios, *Marduk*, os assírios, *Assur*. A deusa maior era *Ishtar*. Cultuada por todos, concedia a vitória na guerra e ajudava no amor.

Os povos da Mesopotâmia acreditavam que a natureza era povoada por espíritos maus que preparavam ciladas e por espíritos bons que protegiam a humanidade contra esses demônios. A prática da magia era comum, assim como a da adivinhação e a da astrologia.

Em homenagem aos deuses, os mesopotâmios construíram grandes templos, que serviam também de armazém, arquivo, biblioteca, estrebária, etc. Sepultavam os mortos em túmulos, para que não perturbassem os vivos. Acreditavam que os mortos habitavam um mundo subterrâneo onde comiam pó para sempre. Por isso, davam extrema importância à vida, que devia ser aproveitada ao máximo.

6. Cultura

Os sumérios são responsáveis pela escrita mais antiga de que se tem conhecimento. Ela surgiu por volta de 3000 a.C. e era baseada em caracteres cuneiformes. Os textos mais importantes dos mesopotâmios foram *O poema da criação*, o *Dilúvio*, ambos de origem religiosa, e a *Epopéia de Gilgamesh*, sobre as façanhas desse herói.



A escrita cuneiforme consistia em sinais que representavam uma ideia ou um som, pelos quais o leitor chegava ao objeto representado. Era gravada a estilete no plano de barro. A imagem mostra texto contendo teor jurídico-administrativo (c. 2300 a.C.).

Na área científica, os mesopotâmios descobriram a tributação molécula. Criaram o Algebras é um sistema pesos e medidas. Em decorrência de suas preocupações religiosas, desenvolveram a astronomia, descobriram planetas de estrelas, organizaram um calendário lunar dividindo o ano em doze meses, a semana em sete dias e o dia em doze partes, faziam previsão de eclipses lunares e, provavelmente, solares.

As doenças eram tratadas por um exorcista, e afastava os maus espíritos para depois ministrava remédios feitos à base de plantas e minerais.

Os palácios eram grandiosos. Uma característica da Mesopotâmia era o *ziggurat*, torre de rios andares, em geral sete, sobre a qual havia uma plataforma para observação do céu.

Os escultores representavam o corpo humano forma rígida, sem expressão de movimento ou detalhe anatômico, sempre em postura estática ante a grandiosidade dos deuses. Os pintores usavam cores claras e reproduziam cenas de batalhas e cenas da vida dos reis e dos deuses. A produção cerâmica alcançou notável desenvolvimento.

Exercício

Tema: *Os povos da Mesopotâmia: Sumérios, Acádios e Assírios*

O Código de Hamurábi

Hamurábi, soberano do Antigo Império Babilônico, é conhecido pelo código que leva o seu nome, um dos primeiros em todo o mundo. Muito diferente dos códigos das leis atuais, os juizes mesopotâmicos não eram obrigados a seguir seus artigos; sua principal função era mostrar a justiça e o poder do Rei. Leia a seguir alguns dos trechos já decifrados.

Se um homem negligenciar a fortificação do seu dique, se ocorrer uma brecha e o cantão inundar-se, o homem será condenado a restituir o trigo destruído por sua falta. Se não puder restitui-lo, será vendido assim como seus bens, e as pessoas do cantão de onde a água arrebatou o trigo repartirão entre si o produto da venda.

Se um homem der a um jardineiro um campo para ser transformado em pomar, se o jardineiro plantar o pomar e dele cuidar durante quatro anos, no quinto ano o pomar será repartido igualmente entre o proprietário e o jardineiro; o proprietário poderá escolher a sua parte (...)

Se um homem bater em seu pai terá as mãos cortadas.

Se um homem furar o olho de um homem livre, ser-lhe-á furado um olho.

Se um médico tratar de uma ferida grave de um outro homem, com punção de bronze, e se ele morrer, terá as mãos decepadas.

Se um construtor fizer para outro uma casa e não a fizer bastante sólida, se a casa cair, matando o dono, esse construtor é passível de morte. Se for o filho do dono quem morrer, o filho do construtor será morto.

Responda as questões sobre o texto:

1. A partir da leitura dessa fonte histórica como você descreveria a sociedade governada por Hamurábi ?

2. Que princípio orientava a justiça na época de Hamurábi ?

3. O Código descreve punições que não existem nas leis vigentes em nosso país. Quais as diferenças ou semelhanças das Leis que orientam nossa sociedade para a descrita pelo documento acima ?
